

EVOLUÇÃO



6 Anos.

A mesma essência.



Coordenaram esta edição: Manuel Francisco Neto / Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco / Vilma Maria da Silva

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/2675-2573.rpe.63>

Editor Responsável: Antônio Raimundo Pereira Medrado
Editor correspondente (ANGOLA): Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Antônio Raimundo Pereira Medrado
Isac dos Santos Pereira
José Wilton dos Santos
Vilma Maria da Silva

Coordenação editorial (Angola):

Manuel Francisco Neto
Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Dr. Adefilson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Bianca de Assis Pirahy
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Me. Edson da Conceição Graça (Angola)
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto (Angola)
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco (Angola)
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza
Prof. Me. Tavares dos Santos Muhongo (Angola)
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo
Prof. Me. Wilder Dala Quinjango (Angola)

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Prof. Dr. Adefilson Batista Lins
Profa. Bianca de Assis Pirahy
Prof. Dr. Isac Chateaneuf
Jornalista João Domingos Terin (William Terin)
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva
Prof. Me. José Wilton dos Santos
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza

Web-edição:

T.I Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuefrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 7, n. 63 (fev. 2026). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2026. 208 p. : il. color

Bibliografia

Publicação contínua desde 2020.

Bimestral

e-ISSN 2675-2573

Disponível apenas online.

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.63

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

Em parceria com:



São Paulo | 2026

Publicada no Brasil por:

Livro Alternativo
www.livroalternativo.com.br
CNPJ: 28.657.494/0001-09

05 EDITORIAL

Antonio R P Medrado

Isac Chateaufeuf

07 ESPECIAL

12 POIESIS

J. Wilton

ARTIGOS

1. A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA E SEUS IMPACTOS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Adriana Pereira Santos da Silva 19
2. GARATUJAS E A CONSTRUÇÃO DO DESENHO INFANTIL COMO LINGUAGEM
Adriana Silva de Santana Barros 26
3. MATERIAIS DE LARGO ALCANCE: DO CESTO DE TESOUROS À CONSCIÊNCIA AMBIENTAL
Amanda Zuza dos Anjos 31
4. DAS PÁGINAS AUSENTES AOS FUTUROS POSSÍVEIS: LITERATURA NEGRA, ACERVOS ESCOLARES E A EMERGÊNCIA AFROFUTURISTA COMO PROJETO DE MUNDO
Bianca de Assis Pirahy 41
5. A UNIÃO: O CONCEITO MATEMÁTICO COMO FUNDAMENTO FILOSÓFICO PARA A AGREGAÇÃO SOCIAL HARMÔNICA NO INSTITUTO DE CIÊNCIAS DE SAÚDE DA UNIVERSIDADE AGOSTINHO NETO
Calunda dos Santos Jorge / Júnior Zacarias Miguel Paca 45
6. PERFIL DO CONSUMO DE MEDICAMENTOS EM ESTUDANTES DO CURSO DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - ICISA NO SEGUNDO SEMESTRE DE 2024
Capuma Ernesto Eduardo / Wilson Valdemar Gomes Anilba 50
7. AS CEM LINGUAGENS DA CRIANÇA: REGGIO EMILIA EM FOCO
Cícera da Silva Ramos 55
8. O BRINCAR COMO EIXO ESTRUTURANTE DO CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Cláudia Reolo da Silva Ferreira 62
9. LETRAMENTO MATEMÁTICO: DESENVOLVENDO A COMPREENSÃO E A APLICAÇÃO COTIDIANA NO ENSINO FUNDAMENTAL
Denise Teixeira Santos Menezes 68
10. CONSEQUÊNCIAS DO ANALFABETISMO CIENTÍFICO NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR ANGOLANO. UM ESTUDO REALIZADO NA COMUNIDADE ACADÊMICA DO ISIA E DO IDERO – 2025/2026
Edson da Conceição Graça 76
11. DA GARATUJA À ESCRITA: RELAÇÕES ENTRE DESENHO, LINGUAGEM E ALFABETIZAÇÃO INICIAL
Elizabeth Aparecida Feitosa Lima 83
12. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E TEA
Flávia de Fatima Seraphim Ribeiro 89
13. A IMPORTÂNCIA DA ROTINA ESCOLAR PARA ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA
Joice de Andrade Silva 97
14. LIMITAÇÕES DA NOVA GESTÃO PÚBLICA NA REFORMA DO SETOR PÚBLICO ANGOLANO: EVIDÊNCIAS DO SIAC CACUACO
José Manuel dos Santos 103
15. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Leandro de Almeida Oliveira 108
16. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E DESENVOLVIMENTO INTEGRAL NO BERÇÁRIO I: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA
Lilian Silvana Minho Zanetta 115
17. PSICOPEDAGOGIA, INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL: UM DIÁLOGO CONTEMPORÂNEO ENTRE TEORIA E PRÁTICA
Luciane de Jesus Mineiro de Lima 121
18. IMPACTO DA MOTIVAÇÃO NO DESEMPENHO ORGANIZACIONAL. ESTUDO REALIZADO NO INSTITUTO POLITÉCNICO NO 131-LUBANGO
Lucoque Bernardo 128
19. PREVALÊNCIA DE DEPRESSÃO EM ANGOLA: O CASO DOS RECLUSOS ATENDIDOS NO HOSPITAL PENITENCIÁRIO PSIQUIÁTRICO
Manuel Paulo Chamorro 135
20. ENTRE AUTONOMIA E NORMATIZAÇÃO: METODOLOGIA ELOS – CONSTRUINDO COLETIVOS
Marcelo Cunha 144
21. A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE LETRAS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS
Marli Aparecida Rosa 161
22. EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA
Maria de Lourdes Ferreira da Silva 167
23. A INCLUSÃO DO ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN
Orlaneide Ferreira Santos Diamante 173
24. A EDUCAÇÃO PSICOMOTORA COMO BASE DAS APRENDIZAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Paula Dulcídio Rosseto 179
25. O PANINHO DE APEGO COMO PRIMEIRO BRINQUEDO: REFLEXÕES A PARTIR DA PEDAGOGIA MONTESSORI
Renata da Costa Braz 186
26. MOVIMENTO E INFÂNCIA: A IMPORTÂNCIA DA MOTRICIDADE NO COTIDIANO ESCOLAR
Simone Gomes de Macêdo Miranda Ferreira 193
27. TEORIA DE ACEITAÇÃO DA AUTORIDADE NAS ORGANIZAÇÕES ANGOLANA
Ucaca Venâncio António 200

O PANINHO DE APEGO COMO PRIMEIRO BRINQUEDO: REFLEXÕES A PARTIR DA PEDAGOGIA MONTESSORI

Renata da Costa Braz¹

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo analisar a pedagogia Montessori aplicada à primeira infância, com ênfase no uso do “paninho de apego” ou objeto de transição, considerado o primeiro brinquedo do bebê dentro dessa perspectiva. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, baseada em revisão bibliográfica das obras de Montessori (1949; 1965; 2017) e de estudiosos da temática, como Cesário (2007), Silvestrin (2012) e Santos (2008). A metodologia adotada envolveu a análise de textos teóricos sobre a mente absorvente da criança, a liberdade, a autonomia e a preparação do ambiente montessoriano, buscando compreender como o paninho de algodão contribui para a segurança afetiva, o desenvolvimento sensorial e a exploração independente do bebê. Os resultados indicam que, ao oferecer ao bebê um objeto simples, seguro e sensorialmente atrativo, a criança é estimulada a desenvolver sua capacidade de exploração, autoconfiança e vínculo emocional, consolidando a aprendizagem espontânea. Além disso, a prática fortalece a interação entre adultos e criança, respeitando seu ritmo, potencial e iniciativa própria, reafirmando que o brincar, ainda que simples, é fundamental para o desenvolvimento integral da criança na perspectiva Montessori.

Palavras-chave: Montessori; paninho de apego; autonomia; mente absorvente; brincar sensorial.

INTRODUÇÃO

A pedagogia desenvolvida por Maria Montessori fundamenta-se na concepção de que a criança possui forças internas capazes de orientar seu próprio desenvolvimento quando inserida em um ambiente favorável. Ao afirmar que a criança é portadora de “poderes desconhecidos” que podem conduzi-la a um futuro luminoso (MONTESSORI, 1949, p. 12), a autora desloca o centro da ação educativa do adulto para a própria infância, reconhecendo-a como protagonista de sua formação.

Entre os conceitos estruturantes dessa pedagogia, destaca-se a noção de mente absorvente,

compreendida como a capacidade singular da criança pequena de internalizar o ambiente de forma inconsciente e intensa, especialmente nos primeiros anos de vida (MONTESSORI, 1949). Nessa perspectiva, o desenvolvimento não ocorre por imposição externa, mas pela interação ativa com o meio, mediada por experiências sensoriais, movimento livre e autonomia progressiva.

Entretanto, ao revisitar esses fundamentos à luz das realidades contemporâneas da educação infantil — especialmente em contextos públicos marcados por desafios estruturais, turmas numerosas e exigências institucionais — emergem

¹ Graduada em Pedagogia pela Faculdade Paulista São José; Pós-graduação em Realidade Virtual e Aumentada no Ensino pela Faculdade Paulista de Comunicação; Professora de Educação Infantil, PEI e Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental na Prefeitura Municipal de São Paulo, SME, PMSF

questionamentos inevitáveis: como sustentar a proposta de autonomia em ambientes atravessados por rotinas rígidas? De que maneira o ideal montessoriano do “ambiente preparado” pode dialogar com espaços escolares limitados em recursos? E, sobretudo, como reconhecer valor pedagógico em objetos simples, muitas vezes considerados secundários no planejamento formal?

É nesse ponto que se insere a reflexão proposta neste estudo: o “paninho de apego”, também denominado objeto de transição, pode ser compreendido como o primeiro brinquedo do bebê na perspectiva montessoriana? Embora não figure como material didático estruturado nas obras clássicas de Montessori, entende-se aqui que sua simplicidade, textura, constância e potencial sensorial o aproximam dos princípios da mente absorvente e do ambiente preparado. Defende-se, portanto, que o paninho não deve ser reduzido a um objeto meramente afetivo, mas reconhecido como mediador de experiências iniciais de autonomia, segurança emocional e exploração sensorial.

Nas salas montessorianas, conforme observa Vilela (2014), a organização em classes de multidades favorece a cooperação, a liberdade e o respeito à individualidade. Contudo, a implementação concreta desses princípios exige mais do que organização espacial: requer uma mudança de postura do educador e uma revisão das concepções adultocêntricas ainda presentes na prática pedagógica. A liberdade defendida por Montessori não se confunde com ausência de limites, mas com a construção progressiva de disciplina interna por meio da atividade significativa.

Nesse sentido, refletir sobre o paninho de apego implica tensionar teoria e prática. Se, por um lado, Montessori enfatiza materiais estruturados e cientificamente elaborados, por outro, sua filosofia valoriza objetos simples, reais e sensorialmente ricos. Assim, questiona-se: seria o paninho uma atualização contemporânea coerente com os fundamentos montessorianos? Ou estaríamos projetando sobre a teoria interpretações que respondem mais às necessidades atuais da educação infantil do que às formulações originais da autora?

Este estudo parte da hipótese de que o paninho de apego, quando inserido intencionalmente em um ambiente preparado e apresentado com observação sensível do educador, configura-se como potente recurso pedagógico na primeiríssima infância. Mais do que um artefato de conforto, ele pode representar uma das primeiras experiências de independência emocional do bebê — momento em que a criança começa a construir segurança não apenas na presença do adulto, mas também na relação mediada com o objeto.

Ao propor essa reflexão, não se pretende romantizar a aplicação do método Montessori, mas analisá-lo criticamente, reconhecendo tanto sua potência quanto seus limites na realidade educacional brasileira. A discussão aqui apresentada busca, portanto, ir além da descrição teórica, confrontando os princípios montessorianos com os desafios concretos da prática pedagógica, e problematizando o lugar do afeto, do sensorial e da autonomia nos primeiros anos de vida.

METODOLOGIA

O presente estudo insere-se no campo da pesquisa qualitativa, assumindo caráter exploratório e descritivo, fundamentado na revisão bibliográfica de obras clássicas e contemporâneas sobre a pedagogia desenvolvida por Maria Montessori e sobre o desenvolvimento infantil na primeiríssima infância. A escolha dessa abordagem não se deu apenas por adequação metodológica ao objeto, mas por coerência epistemológica com o próprio pensamento montessoriano, que privilegia a observação atenta, a interpretação sensível e a compreensão dos fenômenos em sua complexidade.

Optou-se pela pesquisa qualitativa por compreender que o fenômeno investigado — o paninho de apego como possível primeiro brinquedo na perspectiva montessoriana — não pode ser reduzido a mensurações objetivas ou dados estatísticos. Trata-se de um objeto simbólico, relacional e sensorial, cujo significado emerge das interações entre criança, ambiente e adulto. Assim, mais do que medir efeitos, buscou-se interpretar os sentidos.

Conforme aponta Gil (2008), a pesquisa exploratória possibilita maior familiaridade com o problema, favorecendo a construção de hipóteses. No entanto, neste estudo, a exploração não se limitou ao levantamento de conceitos já consolidados; ela implicou tensionar a literatura com indagações oriundas da prática pedagógica na educação infantil pública. Ao revisitar as obras de Montessori (1949; 1965; 2017), tornou-se evidente que o “paninho de apanho” não aparece como material sistematizado na estrutura clássica do método. Esse dado não foi tratado como lacuna a ser ignorada, mas como ponto de problematização: em que medida a incorporação contemporânea desse objeto dialoga legitimamente com os fundamentos montessorianos?

A dimensão descritiva da pesquisa, conforme Cervo, Bervian e Silva (2007), permitiu organizar e sistematizar os princípios centrais da filosofia Montessori — mente absorvente, ambiente preparado, liberdade e autoeducação. Contudo, optou-se por não restringir o estudo à exposição conceitual. A descrição foi acompanhada de análise interpretativa, buscando compreender como tais princípios podem sustentar, ou não, a leitura do paninho como recurso pedagógico coerente com o método.

A fundamentação teórica apoiou-se em fontes primárias — especialmente as obras de Montessori (1949, 1965, 2017) — e em produções acadêmicas que discutem sua aplicação no contexto brasileiro, como Cesário (2007), Silvestrin (2012), Moraes (2009), Santos (2008; 2018) e Vilela (2014). A opção por articular autores clássicos e contemporâneos teve como objetivo evitar tanto a leitura anacrônica da teoria quanto sua atualização acrítica. Buscou-se compreender o pensamento montessoriano em sua origem histórica, ao mesmo tempo em que se analisaram suas ressignificações nas práticas atuais da educação infantil.

O procedimento metodológico desenvolveu-se em três movimentos articulados:

1. Levantamento bibliográfico intencional – A seleção das obras não ocorreu de forma aleatória, mas orientada por categorias analíticas previamente definidas: mente absorvente, autonomia, ambiente

preparado, objeto sensorial e vínculo afetivo. Tal recorte permitiu delimitar o campo de análise e evitar dispersão conceitual.

2. Leitura analítica e tensionamento teórico – As obras foram examinadas não apenas para extrair definições, mas para identificar convergências, silêncios e possíveis contradições internas. Nesse processo, assumiu-se postura crítica diante das fontes, questionando a aplicabilidade direta de certos princípios em contextos educacionais marcados por desigualdades estruturais.

3. Síntese interpretativa articulada à prática – A etapa final consistiu em elaborar uma reflexão teórico-pedagógica que articulasse os fundamentos montessorianos à realidade da educação infantil contemporânea. Embora este estudo não se configure como pesquisa de campo, a experiência docente da autora na rede pública municipal constitui horizonte interpretativo que orienta a análise, especialmente no que se refere às condições concretas de implementação do ambiente preparado.

Reconhece-se, ainda, que a pesquisa bibliográfica possui limites. Ao não envolver observação empírica direta de bebês em interação com o paninho de apanho, o estudo opera no plano da interpretação teórica. No entanto, tal delimitação não reduz sua relevância; ao contrário, explicita sua natureza: trata-se de uma investigação conceitual que busca ampliar a compreensão sobre os fundamentos pedagógicos que sustentam determinadas práticas na primeiríssima infância.

Ao adotar como princípio metodológico a observação reflexiva — conceito caro à pedagogia montessoriana — este trabalho assume que pesquisar também é um exercício de escuta teórica. Assim como o educador observa a criança antes de intervir, a pesquisadora observa a teoria antes de aplicá-la, interrogando-a, reinterpretando-a e confrontando-a com as demandas do presente.

Dessa forma, a metodologia aqui adotada não se limita a descrever referenciais, mas procura dialogar criticamente com eles, reconhecendo tanto sua potência quanto seus limites. Entende-se que apenas por meio dessa postura analítica é possível sustentar a proposta de compreender o paninho de

apego não como elemento acessório, mas como possível expressão contemporânea dos princípios montessorianos aplicados à primeiríssima infância.

A FILOSOFIA MONTESSORI E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A pedagogia formulada por Maria Montessori fundamenta-se na compreensão da criança como sujeito ativo do próprio desenvolvimento, portadora de forças internas que orientam sua formação psíquica e moral. Ao afirmar que a infância contém “poderes desconhecidos” capazes de conduzir a humanidade a um futuro luminoso (MONTESSORI, 1949), a autora desloca o eixo da educação tradicional, centrada na transmissão, para uma perspectiva de autoformação.

Entretanto, a radicalidade dessa proposição exige análise cuidadosa. Se, por um lado, Montessori inaugura uma pedagogia que reconhece a autonomia infantil, por outro, sua proposta depende de condições estruturais específicas: formação docente rigorosa, ambiente cuidadosamente planejado e organização institucional coerente com seus princípios. A liberdade defendida pela autora não é espontaneísmo; ela está intrinsecamente vinculada à ordem e à intencionalidade do adulto.

Nesse sentido, a disciplina, para Montessori (1965), nasce da atividade significativa. Contudo, essa formulação levanta uma tensão central: em contextos educacionais marcados por currículos prescritos, avaliações padronizadas e metas de desempenho, até que ponto é possível sustentar a ideia de disciplina interna como resultado exclusivo da liberdade de escolha? A prática contemporânea revela que a autonomia frequentemente convive com pressões institucionais que limitam o tempo da exploração e da repetição — elementos essenciais ao método.

A noção de mente absorvente constitui outro pilar da teoria montessoriana. Durante os primeiros anos de vida, a criança internaliza o ambiente de maneira intensa e inconsciente, construindo as bases de sua inteligência e personalidade. Tal concepção atribui enorme responsabilidade ao meio, pois o ambiente não é cenário neutro, mas agente formador. Todavia, essa ênfase suscita questionamentos: se o ambiente é

determinante na construção psíquica, como lidar com realidades escolares marcadas por precariedade material e desigualdades sociais? A teoria pressupõe um ambiente preparado; a prática frequentemente apresenta ambientes possíveis.

Autores como Cesário (2007) e Silvestrin (2012) apontam que a essência do método reside menos na sofisticação dos materiais e mais na postura observadora do educador. Essa leitura amplia a aplicabilidade da pedagogia montessoriana, deslocando o foco da materialidade para a intencionalidade pedagógica. Defende-se, neste estudo, que é nesse deslocamento que se torna viável reinterpretar o método à luz das realidades contemporâneas, sem descaracterizá-lo.

Assim, compreender a filosofia Montessori implica reconhecer sua potência transformadora, mas também seus limites históricos e institucionais. A pedagogia científica proposta pela autora exige mediação crítica quando transposta para contextos diversos daqueles em que foi originalmente concebida. Essa mediação constitui o ponto de partida para analisar, nos capítulos seguintes, como objetos simples — como o paninho de apego — podem dialogar com seus fundamentos sem reduzir-se a apropriações superficiais.

O AMBIENTE PREPARADO E A EXPLORAÇÃO SENSORIAL

O conceito de ambiente preparado ocupa posição estruturante na pedagogia montessoriana. Para Montessori (1949), a mente absorvente orienta-se pelo meio e necessita de estímulos adequados para construir-se. O ambiente, portanto, não é mero suporte físico, mas dispositivo pedagógico intencionalmente organizado para favorecer autonomia, ordem interna e desenvolvimento sensorial.

Tradicionalmente, esse ambiente inclui mobiliário proporcional à criança, materiais específicos e organização espacial que permita liberdade de movimento. Contudo, a centralidade atribuída ao espaço suscita um debate contemporâneo relevante: o ambiente preparado é condição indispensável ou princípio adaptável? Em instituições públicas, onde salas frequentemente

comportam número elevado de crianças e recursos limitados, a reprodução fiel do modelo original torna-se inviável.

Essa tensão não invalida a teoria, mas exige reinterpretá-la. Machado (1983) afirma que a ordem exterior repercute na ordem interior da criança, promovendo segurança e familiaridade. Entretanto, a ordem não se confunde com padronização rígida. A análise crítica sugere que o princípio organizador do ambiente — clareza, acessibilidade, previsibilidade — pode ser mantido mesmo quando os recursos materiais são escassos.

A exploração sensorial, elemento central do método, também merece análise ampliada. Embora Montessori tenha desenvolvido materiais específicos com finalidade científica, sua filosofia valoriza a experiência concreta com objetos reais. Nesse ponto emerge uma possibilidade interpretativa: a sensorialidade não depende exclusivamente de materiais estruturados, mas da qualidade da experiência oferecida.

Silvestrin (2012) destaca que o adulto e os materiais têm função mediadora no desenvolvimento infantil. Contudo, essa mediação não deve resultar em intervenção excessiva. A prática revela que, muitas vezes, a ansiedade adulta por resultados compromete o tempo da exploração livre, convertendo o ambiente preparado em ambiente controlado. Essa contradição evidencia que o desafio não é apenas estrutural, mas cultural.

Defende-se, neste trabalho, que o ambiente preparado deve ser compreendido como princípio relacional e não apenas como configuração física. Trata-se de uma postura ética diante da infância: oferecer condições para que a criança atue com independência progressiva. É a partir dessa compreensão ampliada que se torna possível analisar o paninho de apego não como elemento periférico, mas como microambiente sensorial portátil, capaz de produzir estabilidade emocional e continuidade experiencial.

O PANINHO DE APEGO: PRIMEIRA EXPERIÊNCIA SENSORIAL E AFETIVA

A discussão acerca do “paninho de apego” como primeiro brinquedo na perspectiva

montessoriana exige cautela conceitual. Diferentemente dos materiais clássicos sistematizados por Montessori, o paninho não figura como instrumento didático formalmente estruturado no corpus original da autora. Sua inserção no contexto montessoriano contemporâneo decorre de uma leitura ampliada dos princípios da mente absorvente, da sensorialidade e da independência progressiva.

Essa constatação não fragiliza a proposta; ao contrário, convida à análise crítica. Se o método valoriza objetos simples, reais e acessíveis, cuja função é favorecer a exploração ativa e a autoeducação, o paninho — geralmente confeccionado em algodão, de textura suave e cor neutra — dialoga diretamente com tais fundamentos. Sua potência não reside na complexidade, mas na constância sensorial e na previsibilidade afetiva que oferece ao bebê.

Nos primeiros meses de vida, a experiência sensorial não é separada da experiência emocional. A criança pequena constrói segurança por meio da repetição tátil, do cheiro familiar, da textura reconhecível. Nessa perspectiva, o paninho pode ser compreendido como mediador entre o corpo da criança e o ambiente, funcionando como elemento de continuidade em contextos de transição — como a entrada na creche ou a adaptação a novos espaços.

Entretanto, é necessário evitar uma romantização acrítica. Nem todo objeto de apego configura-se automaticamente como recurso pedagógico. A intencionalidade adulta e a inserção do objeto em um ambiente coerente com princípios de autonomia são condições fundamentais. Caso contrário, o paninho corre o risco de ser tratado apenas como instrumento de contenção emocional, reforçando dependências em vez de favorecer a independência progressiva.

Defende-se, portanto, que o valor pedagógico do paninho não está no objeto em si, mas na forma como é compreendido e apresentado. Quando inserido em um contexto que respeita o tempo da criança, permite exploração livre e não substitui a presença atenta do adulto, ele pode constituir uma das primeiras experiências de autorregulação emocional e exploração sensorial autônoma.

A FUNÇÃO DO AMBIENTE PREPARADO E DO EDUCADOR NA UTILIZAÇÃO DO PANINHO DE APEGO

Na pedagogia montessoriana, o ambiente preparado é frequentemente descrito como elemento estruturante do desenvolvimento infantil. Contudo, ao analisar a utilização do paninho de apego, torna-se evidente que o ambiente não é apenas físico, mas relacional. Ele se constrói na interação entre espaço, objetos e postura adulta.

A introdução do paninho não pode ocorrer de maneira aleatória. Exige observação sensível do momento de desenvolvimento da criança, compreensão de suas necessidades emocionais e respeito ao ritmo individual. Nesse ponto, emerge uma tensão relevante: em contextos institucionais com rotinas rígidas e número elevado de crianças por adulto, o exercício da observação individualizada torna-se um desafio concreto.

A teoria montessoriana pressupõe educadores formados na prática da observação científica. Contudo, a realidade contemporânea muitas vezes impõe ao professor múltiplas demandas administrativas e pedagógicas que reduzem o tempo disponível para acompanhamento individual aprofundado. Assim, a implementação coerente do uso do paninho como recurso de autonomia depende menos da materialidade do objeto e mais das condições estruturais de trabalho docente.

Outro risco identificado na prática é a utilização do objeto como mecanismo de silenciamento — oferecendo-o à criança apenas para evitar choro ou inquietação. Tal uso contradiz o princípio montessoriano de independência progressiva, pois desloca o foco da construção interna para o controle externo da conduta.

Defende-se, neste estudo, que o educador exerce papel decisivo na transformação do paninho em recurso pedagógico legítimo. Sua função não é estimular apego indiscriminado, mas favorecer a autonomia emocional da criança, permitindo que o objeto seja explorado, manipulado e eventualmente abandonado conforme o amadurecimento psíquico. O ambiente preparado, nesse sentido, é aquele que sustenta transições sem produzir rupturas abruptas.

O PANINHO DE APEGO: DESENVOLVIMENTO INICIAL DA AUTONOMIA E AFETIVIDADE

A relação entre autonomia e afetividade constitui um dos pontos mais delicados na interpretação contemporânea do método montessoriano. Frequentemente, a autonomia é confundida com independência precoce ou afastamento emocional do adulto. Contudo, na perspectiva de Montessori, a independência é um processo gradual, sustentado por segurança interna.

O paninho de apego pode ser compreendido como um dos primeiros suportes dessa transição. Ao oferecer estabilidade sensorial, o objeto permite que a criança experimente breves momentos de afastamento do adulto sem vivenciar ruptura emocional. Nesse sentido, autonomia e vínculo não se opõem; complementam-se.

Entretanto, é preciso reconhecer que a autonomia defendida pelo método não é produto automático da exposição a objetos específicos. Ela emerge da interação contínua entre ambiente, liberdade de movimento e confiança adulta nas capacidades infantis. O paninho pode favorecer esse processo, mas não o substitui.

Há ainda um debate implícito: até que ponto a valorização de objetos de apego dialoga com a ideia montessoriana de independência em relação ao adulto? A análise aqui proposta sugere que o objeto não substitui o adulto, mas atua como mediador simbólico, ampliando gradativamente a capacidade da criança de autorregulação.

Assim, o paninho deixa de ser apenas símbolo de conforto e passa a representar uma etapa do desenvolvimento psíquico inicial: a passagem da dependência absoluta para a independência progressiva. Sua relevância reside na função transitória que desempenha — não na permanência indefinida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste estudo permitiu compreender que a inserção do paninho de apego na perspectiva montessoriana não se sustenta como simples adaptação contemporânea, mas como interpretação possível — e defensável — dos fundamentos da mente absorvente, do ambiente preparado e da independência progressiva.

Entretanto, tal interpretação exige rigor conceitual e mediação crítica. O paninho não é material clássico do método, nem substitui os recursos estruturados concebidos por Montessori. Seu valor pedagógico emerge quando compreendido como extensão coerente dos princípios sensoriais e afetivos que sustentam a formação psíquica inicial.

A reflexão também evidenciou que a implementação desses princípios na educação infantil contemporânea enfrenta limites concretos: condições estruturais, organização institucional e concepções ainda marcadas por adultocentrismo podem dificultar a vivência plena da autonomia defendida pelo método. Nesse cenário, a potência do paninho reside justamente em sua simplicidade — ele não exige infraestrutura sofisticada, mas exige postura pedagógica consciente.

Conclui-se que o paninho de apego pode constituir uma das primeiras experiências de autorregulação emocional e exploração sensorial autônoma quando inserido em ambiente relacionalmente preparado e mediado por educador atento. Sua função não é prolongar dependências, mas sustentar transições, favorecendo a construção de segurança interna.

Ao tensionar teoria e prática, este estudo reafirma que a pedagogia montessoriana permanece atual não pela reprodução literal de seus materiais, mas pela vitalidade de seus princípios. O desafio contemporâneo não está em replicar modelos históricos, mas em reinterpretá-los criticamente à luz das demandas e possibilidades reais da educação infantil brasileira.

REFERÊNCIAS

- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- CESÁRIO, Priscila Menarin. **Quem é a professora de crianças menores de 6 anos para Maria Montessori?** Uma análise a partir de suas obras educacionais. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2007.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MACHADO, Izaltina de Lourdes. **Educação Montessori: de um homem novo para um mundo novo**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1983.
- MACHADO, Izaltina de Lourdes. **Educação Montessori: de um**

homem novo para um mundo novo. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1986.

MONTESSORI, Maria. **Mente Absorvente**. Rio de Janeiro: Editora Nórdica, 1949.

MONTESSORI, Maria. **Pedagogia Científica: a descoberta da nova criança**. Campinas, SP: Kíron, 1965.

MONTESSORI, Maria. **A descoberta da criança: Pedagogia científica**. Campinas, SP: Kíron, 2017.

MONTESSORI, Maria. **A criança**. São Paulo: Nórdica, s.d.

MORAES, Magali Saquete Lima. **Escola Montessori: um espaço de conquista e redescoberta**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário La Salle, Canoas, 2009.

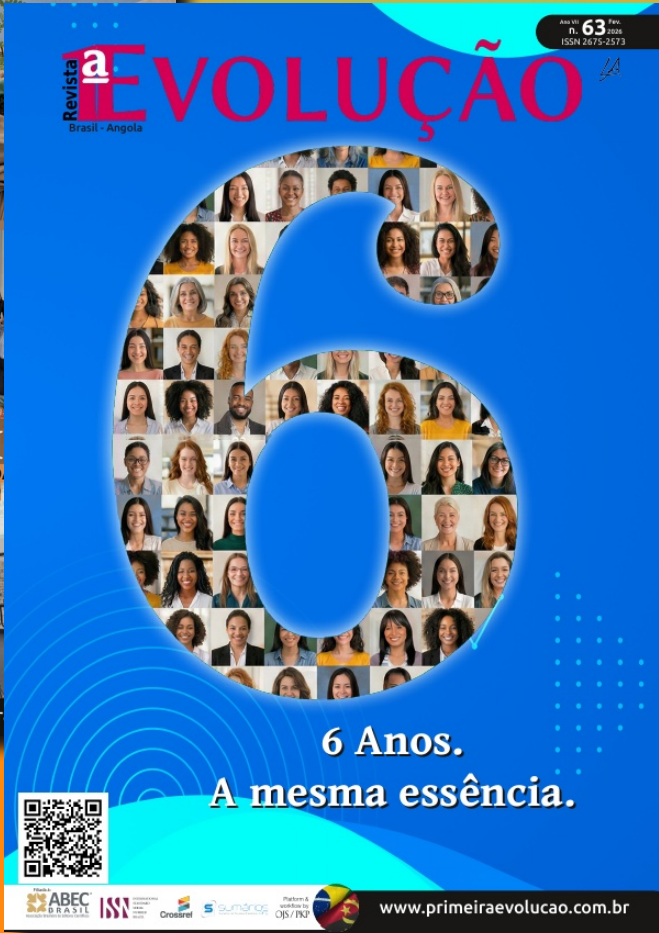
RUSSO, Angélica. **Teóricos da educação**. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2004.

SANTOS, Vânia Gonçalves dos. **A influência do método montessoriano no desenvolvimento infantil**. Americana, SP: [s.n.], 2018.

SANTOS, Vânia Gonçalves dos. **A influência do método montessoriano no desenvolvimento infantil / Vânia Gonçalves dos Santos**. – Americana, SP: [s.n.], 2008.

SILVESTRIN, Patrícia. **Método Montessori e inclusão Escolar: articulações possíveis**. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Educação/PPGEDU, 2012.

VILELA, Silvio Henrique. **“Maria Montessori: O caminho dos sentidos.”** Revista Teias, v. 15, n. 38, p. 32-46, 2014.



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.63>



COORDENAÇÃO:

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto

Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Profa. Esp. Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Adriana Pereira Santos da Silva

Adriana Silva de Santana Barros

Amanda Zuza dos Anjos

Bianca de Assis Pirahy

Calunda dos S. Jorge / Júnior Zacarias M.Paca

Capuma E. Eduardo / Wilson V. Gomes Anilba

Cícera da Silva Ramos

Cláudia Reolo da Silva Ferreira

Denise Teixeira Santos Menezes

Edson da Conceição Graça

Elizabeth Aparecida Feitosa Lima

Flávia de Fatima Seraphim Ribeiro

Joice de Andrade Silva

José Manuel dos Santos

Leandro de Almeida Oliveira

Lilian Silvana Minho Zanetta

Luciane de Jesus Mineiro de Lima

Lucoque Bernardo

Manuel Paulo Chamorro

Marcelo Cunha

Marli Aparecida Rosa

Maria de Lourdes Ferreira da Silva

Orlaneide Ferreira Santos Diamante

Paula Dulcídio Rosseto

Renata da Costa Braz

Simone Gomes de Macêdo Miranda Ferreira

Ucaca Venâncio Antônio

Indexadores: _____



Filiada à:



Parceiros:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres

